

CONCEIÇÃO EVARISTO



Conceição Evaristo nasceu em 1946, em uma favela na cidade de Belo Horizonte. Filha de uma lavadeira que mantinha um diário onde anotava as dificuldades de um cotidiano sofrido, Conceição cresceu rodeada por palavras. Como gosta de enfatizar em suas entrevistas, isso não significa dizer que vivesse cercada de livros, mas que bebia na fonte da memória familiar através das histórias que os mais velhos lhe contavam.

Tendo sido exposta desde pequena às crueldades do racismo, Conceição tornou-se uma escritora negra de projeção internacional, além de uma militante que atua dentro e fora dos marcos da academia: é mestre em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e conclui atualmente seu doutorado em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense. Publicou seu primeiro poema em 1990, no décimo terceiro volume dos *Cadernos Negros*, editado pelo grupo Quilombhoje, de São Paulo. Desde então, publicou diversos poemas e contos nos *Cadernos*, além

de uma coletânea de poemas e dois romances.

No entanto, é muito provável que você nunca tenha ouvido seu nome. E mais: te desafio a encontrar os livros dela à venda. Uma das mais importantes escritoras negras da atualidade não figura nas prateleiras das grandes livrarias no país, tampouco nos grandes manuais de literatura brasileira. Por que será? O que tem a obra de Conceição que a impede de circular amplamente, apesar do prestígio que ela obteve nos meios especializados, nos meios “negros”?

A obra de Conceição Evaristo tem o objetivo claro de revelar a desigualdade velada em nossa sociedade, de recuperar uma memória sofrida da população afro-brasileira em toda sua riqueza e sua potencialidade de ação.

PRINCIPAIS OBRAS:

Romance

Ponciá Vicêncio (2003);
Becos da Memória (2006).

Poesia

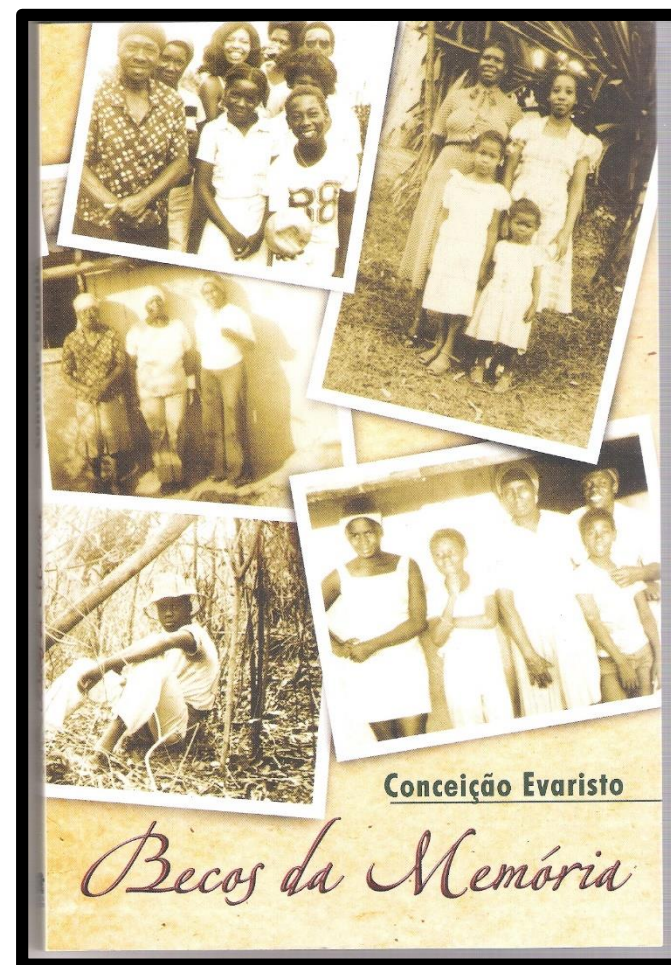
Poemas da recordação e outros movimentos (2008);
Do velho e do Jovem.

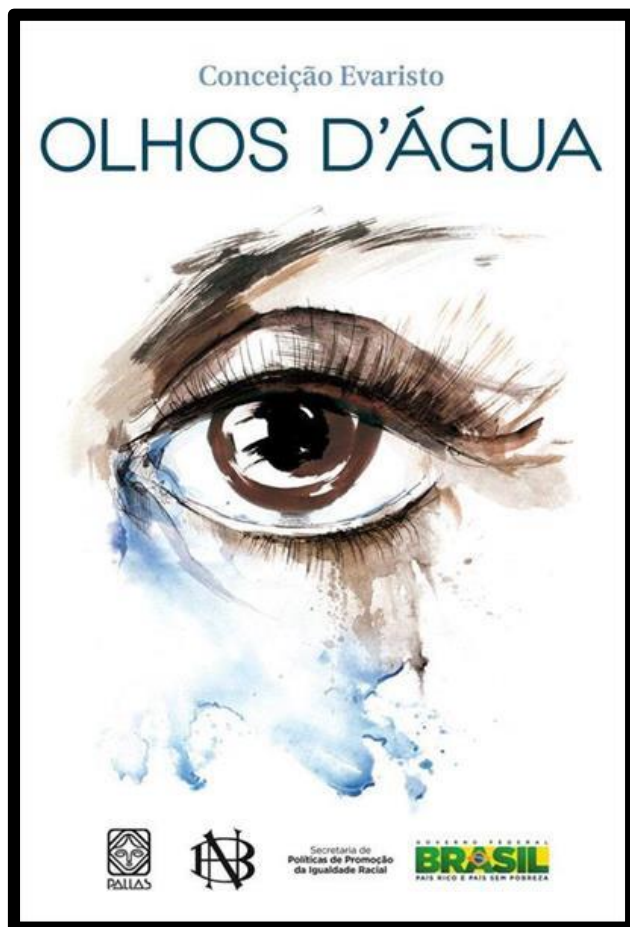
Contos

Insubmissas lágrimas de mulheres (Nandyala, 2011);
Olhos d' água 2014 (Pallas).

Participações em antologias

Cadernos Negros (Quilombhoje, 1990);
Contos Afros (Quilombhoje);
Contos do mar sem fim (Editora Pallas);
Questão de Pele (Língua Geral);
Chimurenga People (África do Sul, 2007);
Brasil-África;
Je suis Rio, éditions Anacaona, juin 2016.





OLHOS D'ÁGUA

Olhos d'água é um livro de contos. São quinze histórias de dor, sangue, vida e morte. Histórias que escancaram o mundo de exclusão que muitos vivem e outros tantos se negam a ver. Conceição narra a fome, a miséria, a violência e dá voz às mulheres negras e suas vivências.

E ao dar voz aos personagens, mostrando os laços afetivos deles, seus conflitos internos, suas reflexões, ela humaniza quem a sociedade a todo custo quer desumanizar. Seus personagens são humanos, sujeitos, que sentem “dor-amor” e também sentem esperança.

O conto que dá nome ao livro é movido pelas lembranças da personagem na busca de lembrar a cor dos olhos da mãe. É delicado, poético e leve, apesar das memórias da personagem denunciarem as dificuldades que ela e a família passaram na infância. Ele inicia o livro.

Conceição narra acontecimentos brutais, que poderiam ser realidade, mas não de um jeito jornalístico ou sensacionalista, e sim de um jeito que faz a história fincar na memória e pensar naquilo depois. A escrita da autora, por ser poética, parece tornar leve o que é brutal. A leveza do estilo contrasta com a brutalidade do acontecimento, daquela realidade. Mas essa leveza não impede o leitor de se incomodar com a fragilidade da vida e com a história ali exposta, pelo contrário, a sensação é que essa forma de criação literária humaniza a vítima, ao não explorar aquilo de forma sensacionalista, e intensifica o incômodo e faz com que ele dure mais do que o conto.

A violência não aparece só de forma explícita: no “Beijo na Face”, por exemplo, a violência está no controle que o marido da personagem faz por ciúme, nas ameaças que ela sofre. Não há sangue, mas há uma constante tensão, que até dá um certo ar de suspense.

Simbólico que após tantos contos de dor, o último fazer brotar a força da esperança. Embora no caminho até o último conto, a gente encontre a esperança surgindo, como acontece no “Beijo na face” e no “Quantos filhos Natalina teve?”.

As histórias contadas, os personagens, parecem reais. Afinal, a presença da violência no cotidiano das pessoas negras no Brasil é uma realidade. Conceição Evaristo escreve sobre sobrevivência, sobre cotidiano, não sobre o cotidiano que passa nas novelas, mas aquele que estampa de forma sensacionalista os jornais feitos de sangue. O cotidiano que a maioria das pessoas só conhece como estatística. A autora faz isso através de uma escrita poética que toca antes de fazer pensar na sociedade. Toca através da construção de personagens, tão eles, tão gente. Ela faz isso sem deixar morrer a esperança e transforma uma realidade em literatura.

Se eu tivesse que definir esse livro numa frase, eu diria “esperança que sangra”.